

VIAGENS Pela Europa... quase de graça

TEATRO Quem quer ser Salazar?

DOENÇA A vida dupla de Casimira

Expresso nº 1794 17 Março 2007

única

Quem quer ser Salazar

TEXTO DE *Micael Pereira*
FOTOGRAFIAS DE *José Ventura*

Pode muito bem ser que Santa Comba Dão se torne num futuro próximo uma espécie de Memphis, com uma casa-museu cheia de objectos pessoais, um Chevrolet preto num pedestal e um parque de estacionamento para autocarros excursionistas, mas por enquanto Salazar ainda não é o Elvis. Embora os últimos meses tenham dado sinais de que — tal como o rei do rock — o ditador não está tão morto e enterrado como se julgava, se o antigo presidente do Conselho fosse realmente o Elvis teria havido uma fila de várias esquinas à porta do Teatro Nacional D. Maria II, com clubes de sócias a alistarem-se para o papel principal da peça «Férias Grandes com Salazar». Não houve.

Bem vistas as coisas, apenas 18 homens responderam esta semana à atitude inédita do teatro do Estado de procurar através de um anúncio de jornal um actor para representar uma das figuras mais populares da história de Portugal do último século (uma popularidade não alcançada, propriamente, por cantar «love me tender, love me sweet»). E desses 18 bravos candidatos a ditador, apenas um confessou

CASTRO GUEDES actor, 53 anos. «Tinha o sonho de fazer de Salazar. A minha família é antifascista. Eu tinha a imagem de que ele era eterno. Era genial, manipulador, insólito»





CARLOS SARMENTO, actor, 37 anos. «Fazer de Salazar ajuda a que alguns fantasmas deixem de existir. Politicamente, ele era uma raposa. Muito astuto» ▲

FRANCISCO BRAZ, actor, 51 anos. «Se os ingleses brincam com a Rainha e ela está viva... Vi-o duas ou três vezes no 1.º de Dezembro, com a Mocidade Portuguesa. Havia medo» ▼



(sem o saber) sofrer da síndrome de Elvis — um senhor de 72 anos que disse ter sido confundido anos a fio com figuras do Antigo Regime e, por isso, estava ali para tirar o devido proveito. Não o chamaram para o «casting». Para já porque preferiam um Salazar mais novo (o anúncio pedia 40 anos); depois, porque a última qualidade de que o encenador andava à procura para o seu ditador era a honestidade absoluta.

A grande dificuldade, aliás, dos cinco finalistas que foram seleccionados para um teste com o encenador José Carretas foi precisamente perceber que tipo de Salazar iriam representar. Os portugueses andam a receber e a emitir sinais contraditórios e os actores que compareceram no D. Maria II não são diferentes dos restantes cidadãos. «É um homem como os outros, tem um lado humano que deve ser fascinante perceber», diziam à vez os actores, à saída da sala de «casting», para uma pequena «pool» de jornalistas, justificando o interesse em encarnar o homem de Santa Comba Dão.

Naturalmente, a maioria ainda não conhecia bem a peça do espanhol Manuel Martinez Mediero — impiedosa e escatológica não só com Salazar mas com a governanta Maria e o cardeal Cerejeira. Por outro lado, não admira que estivessem confusos sobre a profundidade e o alcance da personagem tendo em conta a campanha salazarista (e a respectiva e incontornável contra-campanha anti-salazarista) que culmina no próximo fim-de-semana na final do concurso «Grandes Portugueses», na RTP, quando os portugueses escolherem por televoto o maior conterrâneo da história desde Afonso Henriques, com Salazar bem lançado no «ranking» como «salvador» da pátria.

A ironia é que, enquanto Maria Elisa e a sua equipa de produção se preparam para a eventualidade de terem de eleger um homem que detestava sufrágios universais no concurso mais ideológico e polémico dos últimos anos (tirando o «Big Brother» e «A Cadeira do Poder»), o Teatro Nacional passou a ter dois Salazares profissionais em permanência, como se de repente o Elvis tivesse realmente descido à Terra em várias reencarnações simultâneas. Mesmo depois de José Carretas ter escolhido o seu eleito (já a seguir ao fecho da Única), uma dupla de ditadores partilhará o edifício nos próximos meses, sendo natural que se cruzem nos corredores e até troquem impressões sobre a sua própria personalidade ficcional.

O Salazar do actor José Beto, que se estreou quinta-feira na peça «A Filha Rebelde» (um texto inspirado num livro e numa grande reportagem de dois jornalistas do EXPRESSO) é mais sóbrio e contido, preso à realidade conhecida e comprovada. Em «Férias Grandes com Salazar», que entra em cena a 24 de Abril, antes pelo contrário: a realidade é um mero trampolim para preencher todos os espaços vazios da sua personalidade por práticas e pensamentos pouco católicos, capazes de indignar os seus admiradores menos dados ao humor. Decrépito e falido numa cama de hospital, o presidente do Conselho diz a dada altura; «Que grande malandro que eu tenho sido», metendo a



LUÍS FILIPE COSTA, actor, 40 anos. «É fascinante perceber como era o Salazar como homem. Eu tinha seis anos no 25 de Abril. A minha mãe dizia-me que era um homem mau» ▲

FERNANDO REBELO, 46 anos. «Vi fotografias com ele sempre de expressão fechada. Também ele estava encarcerado. Não é uma figura de que goste. É-me antipática» ▼



mão debaixo das saias da governanta. «Maria, Maria, o passarinho... acorda o passarinho.»

Manuel Martinez Mediero, um dramaturgo de Badajoz que assistiu da plateia fronteiriça à comédia da ditadura portuguesa quando era mais novo, escreveu uma obra que revela grande conhecimento da história do Estado Novo e dos tiques do seu líder incontestado, brincando com isso de uma forma que, para o encenador, ainda não é possível ser feito por autores portugueses, pelo medo ainda generalizado de não se ser justo e verdadeiro perante a história. «Mediero consegue ser libertador. E goza com todos nós, com a nossa forma de sermos, com os ditadorezinhos que ainda temos cá dentro», com a autocensura inconsciente e permanente.

A acção começa com António de Oliveira Salazar na sua casa de São Bento um pouco baralhado com as datas, na companhia da inseparável governanta. Aparentemente, têm um negócio montado a meias. Vendem ovos para fora. José Carretas, o encenador, diz que isso foi mesmo assim — não é ficção. «Salazar fazia a contabilidade do deve-e-haver dos ovos do galinheiro de São Bento e chateava-se com a Maria quando ela vendia ovos de duas gemas pelo preço de uma.»

Ao longo do texto e nos intervalos da comezinha gestão doméstica, o antigo seminarista de Viseu vai confessando as suas obsessões sexuais com os seios perfumados das francesas (sobretudo da jornalista Christine Garnier) e admitindo como se governou tendo por perto os seios com cheiro a coentros da governanta.

É uma dúvida constante, aliás, perceber onde está a fronteira entre o que foi e o que poderia ter sido Salazar. Algumas frases com que o dramaturgo vai povoando o seu declínio no palco dão conta de um homem inteiramente desumano, capaz de se comover apenas com a imagem da mãe e distante das expectativas dos candidatos ao papel. «Eu nunca me arrependi de nada... não tenho coração nem consciência», diz ao fantasma de Humberto Delgado. «Morro só, mas orgulhosamente.»

Quando a peça estreou, em 1997, em Idanha-a-Nova, não houve reacções polémicas, mas dez anos depois, com um clube de fãs a votar para que o seminarista de Santa Comba ressuscite em glória, é bem mais provável que os seus simpatizantes contestem a única forma conhecida que um teatro tem de ajudar a eliminar a síndrome de Elvis: uma boa machadada na imagem.

micaelp@expresso.pt

«**Férias Grandes com Oliveira Salazar**» foi escrita por Manuel Martinez Mediero nos anos 90 e encenada pela primeira vez em Idanha-a-Nova, em 1997, por José Carretas, encenador que a vai apresentar a 24 de Abril no Teatro Nacional D. Maria II. Os cinco candidatos finais ao papel fazem de Salazar para o EXPRESSO nestas páginas.

Existem profecias que se cumprem. Um Salazar em cada esquina? Os taxistas lisboetas não precisam de desesperar mais: ele aí está. No teatro, duas peças — «A Filha Rebelde» e «Férias Grandes com Oliveira Salazar» — prometem visitar o ditador. Na televisão, o homem pode levar a taça do maior português de sempre, depois de ser o pior português de sempre em concurso rival (decidam-se, rapazes). E até num deprimente museu de Santa Comba, o nosso António ameaça regressar da tumba para nos assombrar.

Com o pijama e o penico.

O caso, pessoalmente falando, é estranho. Nasci depois do 25 de A. Nasci depois das loucuras do PREC. Nasci depois do 25 de Novembro. A democracia é um facto. O Estado Novo também foi. E de Salazar, sobre quem li o bastante para não apreciar o estilo, curiosamente só lhe gabo o estilo: o homem era bonito e, se me permitem um momento ligeiramente metrosssexual, foi um dos poucos ditadores que não envergonha a espécie. O histórico Hitler? O boçal Mussolini? O inacreditável anão que governou aqui ao lado?

O nosso António, na sua austeridade arrogante, tinha a boa pinta de um José Mourinho e não seria de excluir que Mourinho, o próprio, prescindisse de uns meses em Londres para fazer uma perninha no Teatro Nacional D. Maria II, onde andam à procura de actor para vestir Salazar. Não é fácil. Mourinho é uma opção. George Clooney é outra. Não vejo muitas mais.

Quando comparamos o António com os bisontes da nossa Primeira República — lembrar o rosto bovino de Afonso Costa — até acreditamos seriamente que foi um extraterrestre que aterrou entre nós.

Muitos acreditam, embora não por



FOTOGRAFIA DE ROSA CASACO

Um Salazar em cada esquina

POR João Pereira Coutinho

unica@expresso.pt

motivos estéticos. Quando o assunto é Salazar, existe a ideia simpática de que o homem não tem nada a ver com Portugal e a chegada ao poder foi um acidente cósmico que só os astros explicam. A tese absolve os nativos. E até consola as ortodoxias para quem Salazar, o monstro, tomou de assalto uma democracia impoluta. Que Salazar seja um produto tipicamente português, gerado pela nossa bagunça e pelo jacobinismo revolucionário da República, eis um cenário que as ortodoxias deploram.

No entanto, deplorando ou não, o tiranete veio, ficou e, durante quatro décadas, deixou os traços decisivos que ainda hoje definem e engrandecem o *homo politicus lusitanus*. A autoridade. A contenção. Uma certa austeridade existencial e moral. E um halo de virtude que só o isolamento do poder confere. Não admira que as duas únicas maiorias absolutas que um chefe de governo obteve entre nós desde o 25 de Abril tenham recaído sobre dois homens que, descontando todas as diferenças ideológicas e de regime, reproduzem em democracia virtudes que são, no essencial, as virtudes de Salazar. Que ambos tenham vindo da província só confere ao quadro um toque de ironia final.

Escrevi que Salazar regressava da tumba para nos assombrar. Corrijo. Um fantasma mete medo. Salazar não mete medo. Pelo contrário: três décadas de democracia não removeram o fascínio que o homem, e as virtudes do homem, provoca na maioria dos gentios. E se vocês pensam que eu estou a falar das direitas, por favor, pensem outra vez. O fascínio por Salazar, crescentemente vertido em livralhada avulsa e fancaria diversa, não escolhe ideologias. Desgraçadamente, esta é uma epidemia literalmente democrática.